

PRÓCLISE EM AMBIENTE NEUTRO E PERDA SELETIVA DO CLÍTICO ACUSATIVO ANAFÓRICO EM PEÇAS DE TEATRO BRASILEIRAS DOS OITOCENTOS¹

*PROCLISIS IN NEUTRAL CONTEXT AND SELECTIVE LOSS OF THE ANAPHORIC ACCUSATIVE CLITIC IN BRAZILIAN PLAYS
OF 19TH CENTURY*

Marco Antonio Rocha Martins²

Camila da Mota Heerd³

RESUMO

No quadro teórico da sintaxe diacrônica, neste artigo, investigamos a evolução da próclise em orações matrizes com frontamento de constituintes, no ambiente sintático ([XP])[XP]V, correlacionado essa evolução a ordenação e realização do sujeito e à perda seletiva do acusativo anafórico na escrita brasileira oitocentista. A hipótese central é a de que, na escrita brasileira do século XIX, há evidências de uma gramática “perdida” do português, ou de uma língua do tipo-V2, sem restrições para inversão do sujeito e de sujeito nulo (pro-drop) consistente, como o Português Clássico (PCI). A próclise gerada pela gramática do Português Brasileiro (PB) nesse ambiente começa a aparecer com mais expressividade em textos escritos a partir da segunda metade do século XIX, evidenciando propriedades de uma língua do tipo-SV, com restrição para inversão do sujeito e de sujeito nulo parcial. A análise que aqui apresentamos traz evidências de que a escrita dos autores oitocentistas apresenta um sistema rico de clítico acusativos anafórico com um pequeno aumento na frequência do objeto nulo nos textos do final da primeira metade do século XIX, que pode estar associada à gramática do PC ou do Português Europeu (PE), o que pode ser um reflexo da gramática do PB. Os resultados de uma investigação desses fenômenos numa mesma amostra podem trazer elementos importantes para encontrar na escrita brasileira de 1800 reflexos da gramática do Português Clássico.

PALAVRAS-CHAVE: Próclise; acusativo anafórico; português clássico; escrita brasileira oitocentista.

ABSTRACT

In the diachronic syntax theory, we investigate the evolution of proclisis in matrix clauses with fronting constituents, in the ([XP])[XP]V context, correlating this evolution to subject ordering and realization and to the selective loss of the anaphoric accusative in 19th century Brazilian writing. The central hypothesis is that in 19th century Brazilian writing there is evidence of a “lost” grammar of Portuguese, or a V2-type language without restrictions for subject inversion and consistent null subject (pro-drop), such as Classical Portuguese (PCI). The proclisis generated by the grammar of Brazilian Portuguese (BP) begins to appear more expressively in texts written from the second half of the 19th century. This reflects properties of a V2-type language with restrictions on subject inversion and partial null subjects. The analysis shows that the writing of 19th century authors presents a rich system of anaphoric accusative clitic with a small increase in the frequency of the null object in texts from the end of the first half of the nineteenth century, which may be associated with CP or European Portuguese (EP) grammar. The results of an investigation of these phenomena in the same

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento: 88887.885670/2023-00 – e do CNPq/processo: 88887.885670/2023-00.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), marcomartins.ufsc@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3999-3893>.

³ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), milaheerd@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0007-1145-6926>.

sample may bring important elements to find in the Brazilian writing of 1800 evidence of Classical Portuguese grammar.

KEYWORDS: Proclisis; anaphoric accusative. Classical Portuguese. 19th century Brazilian writing.

Introdução

Uma das características singulares do Português Clássico (PCI) diz respeito à possibilidade de constituintes de natureza vária, em detrimento de somente o sujeito gramatical, figurarem fronteados à esquerda do verbo finito em sentenças matrizes, assim como outras línguas românicas, como o espanhol antigo, por exemplo (cf. MACKENZIE, 2019). Galves e Paixão de Sousa (2017), analisando textos escritos em português entre os séculos XVI e XIX extraído da base de dados do projeto *Corpus Histórico Tycho Brahe*, sustentam a hipótese de que estrutura do tipo Sujeito-Verbo(-[XP]) em que X é um constituinte qualquer, como (1) a seguir, está associada a “diferentes estruturas e diferentes gramáticas” (*Ibid.*, p. 162): em textos de 1500 a 1600, “corresponde a construções em que o sujeito pré-verbal é topicalizado como qualquer construção XV(S)” (*Ibid.*, p. 163), como (2); em textos de 1700 a 1800, “corresponde a sujeitos em posições canônicas” (*Ibid.*, p. 163), como (3).

- (1) **Christo Senhor nosso, disse** a seus Discipulos, que o segredo (“Sermões” de Pe Antonio Vieira (1608), exemplo 1 de GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 157)
- (2) Ao mercador que me trouxe **mandou Pero de Faria...** (“Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto (1510), exemplo 8 de GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 161)
- (3) **Esta reflexão** lhe basta para saber quem (“Cartas” de Marquesa de Alorna (1750), exemplo 19 de GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 173)

Na proposta das autoras, essas diferentes estruturas geradas por diferentes gramáticas – pela gramática do PCI e do Português Europeu moderno (PE) – estão associada a uma mudança no modelo prosódico da gramática moderna do português que leva à reanálise da posição do sujeito em construções Sujeito-Verbo-clítico e à perda do movimento do verbo para CP. Em outras palavras, o PE muda em relação ao PCI, passando a uma língua do tipo-SV com reanálise da posição do sujeito nas construções SV, com perda do movimento longo do verbo para CP e com uma mudança da próclise em direção à ênclise em ambientes neutros⁴.

Na literatura gerativista (ver, por exemplo, HOLMBERG, 2015), uma das propriedades cruciais de uma língua do tipo-V2 é o movimento do verbo para uma posição mais alta na estrutura da sentença (em CP), com a obrigatoriedade de um constituinte realizado na posição pré-verbal, mas dentro de CP. Isso não é o que acontece exatamente no PCI, em que a presença desse constituinte em posição pré-verbal é opcional. Seguindo a proposta de Galves e Paixão de Sousa (2017), no entanto, consideramos que o PCI partilha propriedades de línguas do tipo-V2 rígidas como a de não ter uma posição fixa pré-verbal para os sujeitos. Em outras palavras, por língua do tipo-V2 assumimos

⁴ A definição de ambientes neutros assumida aqui A. M. Martins e Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005).

aquelas que licenciam qualquer elemento, incluindo sujeitos, mas não obrigatoriamente sujeitos, na posição pré-verbal. Essa é uma propriedade que diferencia o PCI do PE e do Português Brasileiro (PB), línguas em que a posição pré-verbal, não topicalizada, é destinada obrigatoriamente a sujeitos.

Investigando dados extraídos de peças de teatro escritas por brasileiros nascidos nos oitocentos, apresentamos neste artigo uma análise da evolução da próclise em orações matrizes com fronteamto de constituintes, em ambiente sintático ([XP])[XP]V, colacionando aos fenômenos da ordem e realização do sujeito e da perda seletiva dos clíticos acusativos anafóricos no português escrito no Brasil oitocentista. Mais especificamente, buscamos argumentos empíricos para a hipótese de que a escrita de brasileiros nascidos nos 1800 apresenta um quadro de competição entre diferentes gramáticas do português (nos temos de KROCH, 1989, 2001). A proposta é que a escrita brasileira do século XIX reflete a “gramática perdida” do português, do português clássico, que poderia ser rastreada a partir da observação da evolução do padrão de colocação dos pronomes clíticos em ambiente neutro e uma gramática com clíticos acusativos, comparando os resultados obtidos aos padrões das outras gramáticas dessa competição. Esse quadro está resumido no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Ordem do clítico em ambiente neutro e realização do acusativo anafórico em gramáticas do português.

	PCI	PE	PB
Próclise em ambientes neutros	OK	X	OK
Clítico acusativo anafórico	OK	OK	X

Fonte: A partir dos resultados de Martins, Cavalcante e Coelho, 2020; Berlinck *et.al.* 2016; Martins, 2018 e Cyrino, 2018.

1. O fenômeno: fronteamto de constituintes e próclise em ([XP])[XP]V

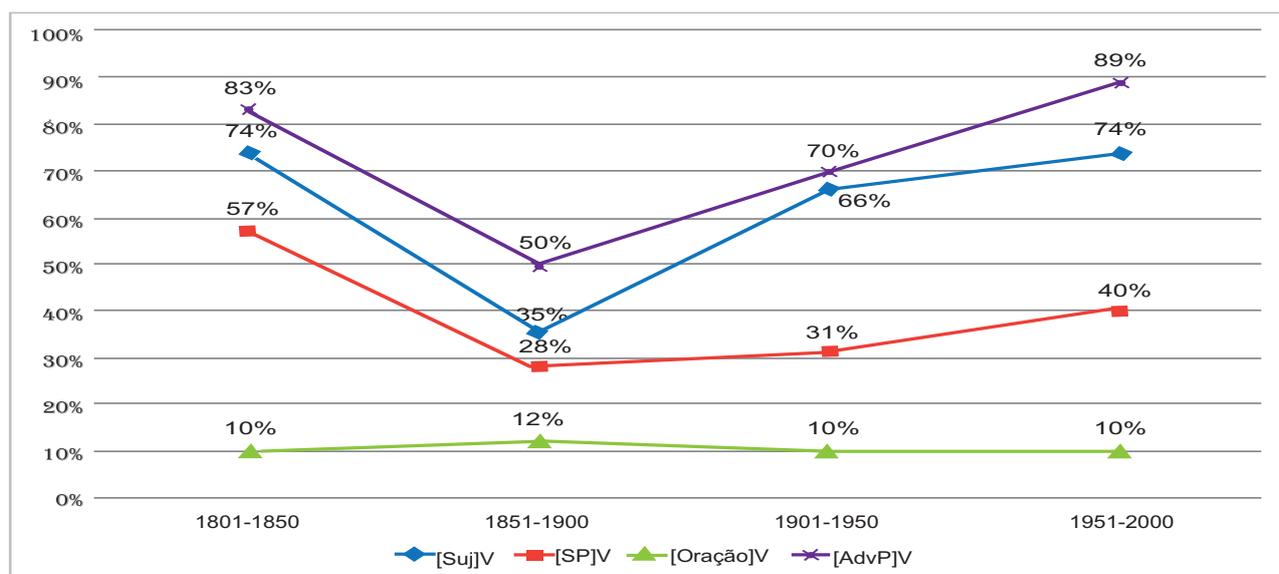
Como dito, colocamos em destaque neste artigo a evolução da próclise em orações matrizes com fronteamto de constituintes e a correlação desse fenômeno com a ordem e realização do sujeito e a perda seletiva do clítico acusativo anafórico na escrita brasileira oitocentista. Seguindo A. M. Martins (1994) e M. A. Martins (2018, 2022), definimos por ambiente neutro ([XP])[XP]V as orações matrizes, em que o constituinte que antecede o verbo é um sujeito não focalizado, como dado em (4), um sintagma preposicional (5) e um advérbio de qualquer natureza (6) – dados de M. A. Martins (2018).

- (4) **[Vocês] se lembram** daquela musiquinha que diz assim: Choveu, choveu Choveu Canasvieiras encheu Quando chove? (Carta de leitor/Santa Catarina, segunda metade do século XX)
- (5) **[No armazem de Henrique Schutel] vende-se** milho a 1:280 réis o sacco. (Anúncios/Santa Catarina, primeira metade do século XX)

- (6) Minha filha tomou 18 frascos [de] Peitoral de Cambará e [hoje] acha-[se] completamente restabelecida. (Carta de leitor/Santa Catarina, segunda metade do século XX)

A próclise em ambiente neutro, tal como evidenciado num primeiro momento por Martins (1994), é variável e define diferentes períodos na história do português. De modo particular, se trata de um contexto sintático interessante para a observação da implementação da gramática do PB na escrita brasileira no curso dos séculos XIX e XX, porque marca um divisor de águas entre a gramática d'aquém, desenvolvida no Brasil, e d'além mar, desenvolvida em Portugal (para retomar TARALLO, 1993). Diversos estudos sobre a sintaxe dos clíticos pronominais na história do português no Brasil mostram uma queda no uso da próclise nesse ambiente, em textos da primeira para os da segunda metade do século XIX (LOBO 1992; PAGOTTO 1992; SCHEI 2003; DUARTE; PAGOTTO 2005; GALVES; TORRES MORAES; RIBEIRO 2005; CARNEIRO 2005; MARTINS 2009, 2010, 2018, a sair; CARNEIRO; GALVES 2010; CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO 2011). Para a evolução da próclise nesse contexto, observem-se, a título de exemplo, os resultados sistematizados por Martins (2022), com base em uma amostra de jornais impressos em diferentes Estados brasileiros e peças de teatro:

Figura 1: Próclise em contextos neutros no português escrito no Brasil dos séculos XIX e XX



Fonte: Martins, 2022, p. 146)

Há uma queda bastante acentuada da próclise em textos da primeira para a segunda metade do século XIX, exceto em sentenças com orações subordinadas pré-verbais. Essa queda (ou mudança fracassada) na gramática do PB tem sido interpretada como o resultado da pressão da norma lusitana, fixada pelos padrões enclíticos da gramática do PE (cf. PAGOTTO, 1998; CARNEIRO, 2005). Tenho apresentado outra hipótese para interpretar esses resultados (MARTINS, COELHO e CAVALCANTE, 2021; MARTINS, 2022): a próclise gerada pela gramática do PB no contexto ([XP])

[XP]V começa a aparecer com significativa expressividade apenas em textos brasileiros oitocentistas da segunda metade, de modo que aquela atestada em textos da primeira metade é, ainda, resquício de uma gramática do tipo-V2, como o PCl.

Uma evidência independente para essa hipótese é o fato de, na escrita brasileira da primeira metade do século XIX, a estrutura associada à construção [XP]V estar associada a de uma gramática que licencia qualquer elemento na posição pré-verbal e não apenas o sujeito, como mostram por exemplo os resultados de Berlinck (1989) e Berlinck e Coelho (2018) sobre a evolução da ordem SV e a perda de VS na escrita brasileira.

A hipótese aqui investigada em dados extraídos de peças de teatro escritas por brasileiros nascidos nos oitocentos, portanto, é de que a escrita brasileira do século XIX reflete, ainda, o padrão proclítico [XP]cIV da gramática do PCl. Nesse sentido e direção, a explicação dada por Pagotto (1998) e Carneiro (2005) para a queda da próclise em contextos neutros na gramática do PB em textos da segunda metade do século XIX deve ser relativizada. Muito naturalmente, a complexa tessitura sociolinguística brasileira, sobretudo no efervescente cenário no Brasil do século XIX, traz um complicador a mais a esse quadro de variação, que aqui interpreto como a competição de diferentes gramáticas do português: há uma forte imposição da norma enclítica lusitana. Esse quadro, de um alto índice de ênclises em textos brasileiros nesse período, parece inegavelmente atribuído à pressão da norma lusitana. O que queremos destacar com a investigação aqui proposta é que, nesse quadro, não há uma queda de próclise em direção à ênclise nesse contexto, ou uma mudança fracassada, na gramática do PB, mas que a próclise encontrada em textos oitocentistas da primeira metade apresenta fortes indicadores de estarem associadas à gramática do PCl.

2. A base de dados e a proposta de trabalho: peças teatrais de brasileiros nascidos nos oitocentos

A metodologia aqui empregada se enquadra naquela proposta em estudos em sintaxe diacrônica, mais especificamente o modelo de competição de gramáticas e a hipótese da taxa constante (KROCH, 1989, 2001), com o objetivo de verificar se os padrões empíricos de uso utilizados em textos brasileiros oitocentistas refletem a sintaxe da gramática do PB e em que medida podem ser encontradas, ainda, propriedades da gramática do PCl, e mesmo do PE, exibindo um caso de competição de gramáticas. O modelo considera de igual modo o problema empírico de “implementação”, tal como posto e formulado por Weinreich, Labov e Herzog (1968).

O conceito de gramática que estamos assumindo é aquele delimitado no quadro teórico da Gramática Gerativa, ou Língua-I, tal como proposto, com muita clareza, em Chomsky (1986). Muito embora, nos valendo da discussão posta em Mendível-Giró (2015), é importante referir que quando trabalhamos com mudança gramatical, observada em textos de sincronias passadas (ou textos escritos em temporalidades marcadas pela socio-história das línguas no curso do tempo), precisamos considerar o conceito de Língua-I relacionado historicamente a distintas gerações de falantes; ou seja, assumimos por gramática *um construto teórico denominado de língua histórica*.

Visando à análise dos fenômenos apresentados, foram selecionadas peças teatrais brasileiras de 5 brasileiros nascidos nos oitocentos⁵. Consideramos que esse gênero constitui fonte produtiva para a investigação de fenômenos linguísticos nos estudos históricos. As peças foram extraídas do *corpus PB-corpus histórico*⁶ e a coleta dos dados consistiu na leitura integral das peças e na seleção e categorização de períodos com clíticos em sentenças matrizes em ambiente neutro e de períodos contendo um elemento acusativo anafórico (na forma de objeto nulo, clítico, pronome tônico ou sintagma nominal). Esses dados foram submetidos à análise multivariada com os programas do pacote estatístico GoldVarb 2001 (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

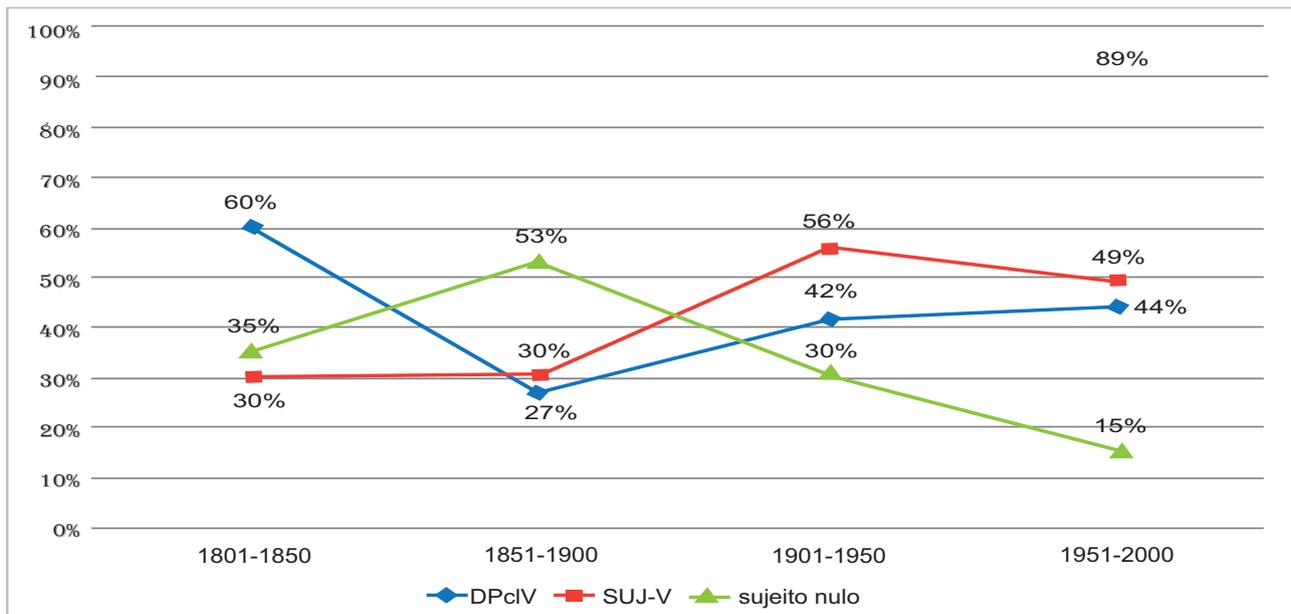
3. Resultados e discussão

Confirmando resultados de estudos anteriores sobre a sintaxe dos pronomes clíticos na história do português, Martins, Cavalcante e Coelho (2020) apontam que existe uma queda no uso de próclise em ambientes neutros ([XP])[XP]V na segunda metade do século XIX. Como proposto, junto com os autores, consideramos que a alta frequência da próclise no início do século corresponde a vestígios do PCI, e que a queda observada se deve à influência do PE. A próclise volta a ser majoritária no final do século, e esse seria um fenômeno representativo da gramática do PB. Os gráficos na figura 2 a seguir apresentam os resultados do estudo dos autores que correlaciona a evolução da próclise em ambientes neutros ([XP])[XP]V e a ordem SV a uma mesma mudança microparamétrica, realizado a partir dos corpora do *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)* e do *Corpus Histórico da Língua Portuguesa (HistLing)* da Universidade Federal do Rio de Janeiro:

⁵ “Um sertanejo na cômte”, de Martins Pena; (1837, RJ); “Patkull”, de Gonçalves Dias; (1843, RS); “Verso e reverso”, de José de Alencar; (1857, CE); “O demônio familiar”, de José de Alencar; (1857, CE); “Eu sou a vida, eu não sou a morte”, de Qorpo Santo; (1866, RS); “Hoje sou um; e amanhã outro”, de Qorpo Santo; (1866, RS) “Certa identidade em busca de outra”, de Qorpo Santo; (1866, RS); “A jóia”, de Artur de Azevedo; (1874, MA); “A princesa dos cajueiros”, de Artur de Azevedo; (1880, MA); A capital federal”, de Artur de Azevedo; (1897, MA).

⁶ a *Plataforma PB-Corpus Histórico*, projeto em parceria com o professor Dr. Martin Becker da Universität zu Köln, e Anna Fischer, assistente contratada pela Fundação Humboldt/Alemanha, pretende armazenar e disponibilizar textos escritos no Brasil no curso dos séculos XVIII a XXI de diferentes *corpora*, de modo que interfaces interativas permitam buscas de dados para estudos de diferentes fenômenos linguísticos, em aplicativos de análises estatísticas, como o “Programa R”, o GoldVARB e outros, por exemplo. Na organização da Plataforma, buscamos reunir materiais de diferentes gêneros textuais/discursivos: da esfera dos textos impressos de jornais: **anúncios, cartas de leitores e cartas de redatores/editoriais**; da esfera dos textos manuscritos: **cartas privadas**; e da esfera dos textos literários: **peças de teatro**. Os textos estão organizados por amostras/ou coleções, para buscarmos preservar as informações das fontes de onde foram extraídos, e agrupados entre os séculos XVIII a XXI, em períodos de tempo de cinquenta em cinquenta anos (1701 a 1750; 1751 a 1800; 1801 a 1850; 1851 a 1900; 1901 a 1950; 1951 a 2000; e a partir de 2001).

Figura 2: Próclise em contextos ([XP])[DP]V, ordem SV e realização do sujeito em textos de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX



Fonte: Martins; Cavalcante; Coelho, 2020, p. 40

Como mostram os resultados, em textos brasileiros da primeira metade do século XIX, há indícios de uma gramática do tipo-V2 com sujeitos nulos e próclise em contextos ([XP])[DP]V; e, em textos a partir da segunda metade desse século, evidenciam-se propriedades de uma gramática do tipo-SV, com sujeitos lexicalizados e próclise em ambientes ([XP])[DP]V (conforme, ainda, resultados de BERLINCK, 1989; COELHO, 2006; CAVALCANTE, 2018; BERLINCK; COELHO, 2018).

Esse quadro traz evidências a favor da hipótese que aventamos de que há uma correlação entre a evolução da próclise em ambiente neutro ([XP])[XP]V e da ordem em SV e o preenchimento do sujeito na escrita brasileira oitocentista. Interpretamos esse quadro como o reflexo da competição de diferentes gramáticas na derivação da próclise, de modo que, apesar de superficialmente similar, a próclise no contexto [XP]cIV na escrita oitocentista corresponde a diferentes estruturas e diferentes gramáticas.

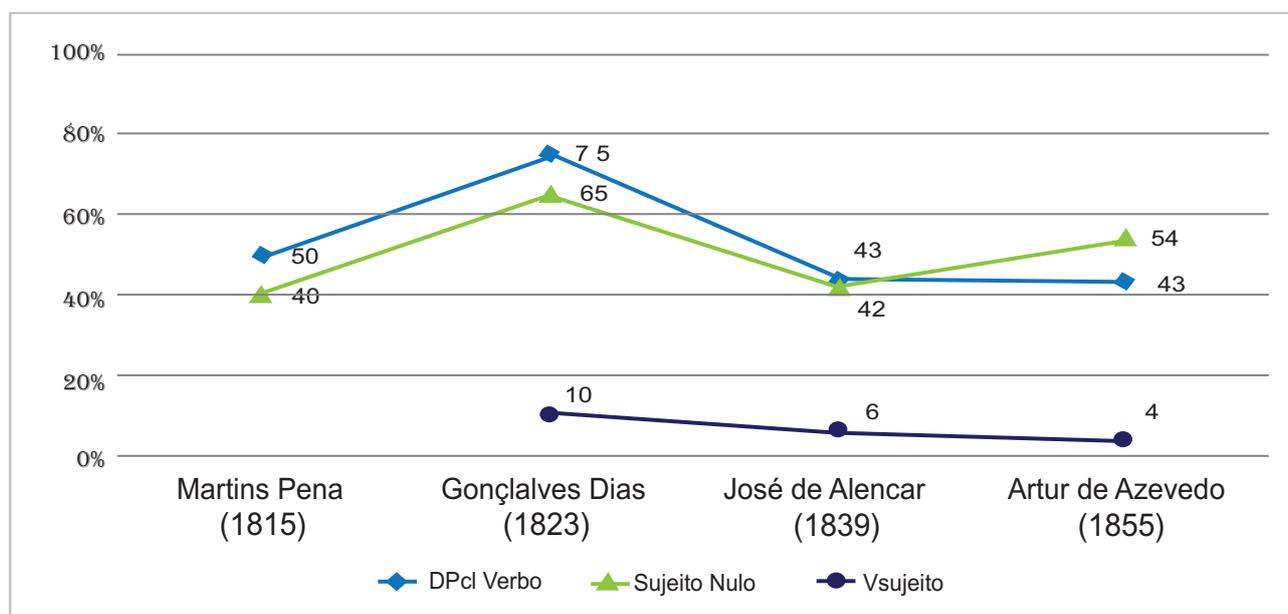
É importante esclarecer que buscaremos evidências para mostrar uma correlação entre a ausência de uma rigidez SV e a próclise no contexto ([XP])[XP]V nos textos da primeira e segunda metade do século XIX, mas tal correlação compreende diferentes caminhos de mudanças da gramática do PCI em direção ao PB: (i) a perda das propriedades de uma língua do tipo-V2 e (ii) a derivação da próclise no contexto ([XP])[XP]V.

Primeiramente, a gramática “perdida” do PCI possui propriedades de uma língua do tipo-V2, com fronteamo de qualquer constituinte, incluindo, mas não obrigatoriamente, o sujeito; há a derivação da próclise no contexto ([XP])[XP]V cuja explicação pode ser encontrada em Galves, Torres Morais e Ribeiro (GTMR, 2005) que propõem que os clíticos são afixados à categoria funcional *Inf* e uma restrição gramatical *não inicial* que se no domínio do primeiro X-barra da estrutura está ativa.

O PB, tendo como base de mudança a gramática do PCI (cf. GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006), teria perdido as propriedades de uma língua do tipo-V2, passando a SV irrestrita; há a derivação da próclise no contexto ([XP])[XP]V, mas em diferentes contextos estruturais do PCI, porque, seguindo GTMR (e ver, ainda, MARTINS, 2018), os clíticos são afixados a categoria lexical verbal (num nível mais baixo na estrutura da sentença) e uma restrição gramatical *não inicial* não está mais ativa em qualquer domínio⁷.

A análise da escrita dos dramaturgos brasileiros nascidos no século XIX mostra que a próclise em ambiente neutro ([XP])[DP]V, em orações com sujeito DP (em azul no gráfico da figura 3 a seguir) e o sujeito nulo (em verde) têm valores percentuais mais altos em Martins Pena (1815) e Gonçalves Dias (1823). A frequência de DPclV e sujeito nulo caem nos textos de José de Alencar (1839) e Arthur de Azevedo (1855). Esse quadro mostra indícios para a hipótese do que colocamos neste artigo, pois parece haver reflexos do PCI – uma gramática com próclise em ambiente neutro e sujeitos nulos nos dois autores nascidos nas décadas de 1810 e 1820; e reflexos da gramática do PE – ênclise em ambiente neutro e sujeitos nulos – com mais expressividade nos textos dos autores nascidos nas décadas de 1830 e 1850.

Figura 3: Próclise em contextos ([XP])[DP]V e realização do sujeito em textos de peças teatrais brasileiras do século XIX



Fonte: elaboração dos autores.

Outro contexto analisado foi orações com “V1 absoluto”, em que o verbo se encontra na primeira posição absoluta do um período, e é característico do PB. Apenas 2 dados de 319 foram encontrados:

⁷ Um movimento distinto pode ser encontrado no PE em que há a perda das propriedades de uma língua do tipo-V2, mas a ênclise é derivada no contexto ([XP])[XP]V. Uma explicação para essa diferença pode ser encontrada em Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005).

- (7) BENVENIDA - **Me meteu** esta carta na mão! [Peça de teatro, A capital federal; 1897; MA; Artur de Azevedo; 1855]
- (8) TEIXEIRA (olhando JÚLIA e ERNESTO, cabisbaixos) - **Se amam** ternamente! ... (A PEREIRA) E que tem isto? [Peça de teatro, Verso e reverso; 1857; CE; José de Alencar; 1829]

Encontramos, ainda, interpolação em maior frequência na primeira metade do século, conforme dados em (9) e (10). Podemos destacar que a peça *Patkull* teve uma ocorrência expressiva de construções com dois clíticos (12 dados de 33), enquanto nas demais isso não ocorreu, conforme dados em (11) e (12). Da mesma forma, mapeando a mesóclise, percebemos que ela ocorre em pouca quantidade, mais expressivamente nessa peça (18 dados de 30), um resultado também esperado. A obra *Patkull*, de Gonçalves Dias, foi publicada em 1843. Entretanto, a narrativa se passa em 1707, na Polônia, o que pode auxiliar na justificativa das escolhas linguísticas destoantes em relação aos demais autores analisados.

- (9) SATANÁS - Já se vê pois que aí têm de morrer, se alguém **os não acudir**, e secos como uma varinha de... como um palito! [Peça de teatro, Certa identidade em busca de outra; 1866; RS; Qorpo Santo; 1829]
- (10) AUGUSTO – Quem vos disse que ele **o não tinha** merecido? [Peça de teatro, Patkull; 1843; RS; Gonçalves Dias; 1823]
- (11) PAIKEL – Por Deus – eu **to suplico** – Dize-me uma palavra só – e eu me irei, Namry; e nem mais ouvirás falar de mim se notícias minhas te importunam – não me amas? [Peça de teatro, Patkull; 1843; RS; Gonçalves Dias; 1823]
- (12) PATKULL – Que **se me dessem** um reino – e agora mesmo, se me dessem a liberdade – se alguém no mundo me pudesse dar o engano de outros tempos – a ilusão e brilhantismo do primeiro amor... para que te eu traísse – talvez – talvez que o não fizera – e tu?! [Peça de teatro, Patkull; 1843; RS; Gonçalves Dias; 1823]

Buscando correlacionar o fenômeno ao objeto nulo na escrita dos brasileiros nascidos nos oitocentos, apresentamos os resultados da investigação da (não) realização do acusativo anafórico nas peças de teatro.

Foram categorizadas 311 ocorrências da variável acusativo anafórico, considerando as formas de realização SN, Clítico e Pronome tônico e a forma nula. A tabela 1 a seguir apresenta a distribuição geral das formas de realização do acusativo anafórico nas peças teatrais oitocentistas analisadas. Há uma prevalência clara do preenchimento por um clítico (como nos exemplos (13) e (14), com uma frequência de 85,9%, totalizando 267 ocorrências. Os dados apontam para 26 ocorrências do acusativo anafórico nulo, exemplos (15) e (16), correspondentes a 8,4% das ocorrências da variável, 3,2% de preenchimento com um sintagma nominal e 2,8% de preenchimento com um pronome tônico, exemplos (17) e (18), respectivamente).

Tabela 1: Distribuição geral do acusativo anafórico em peças teatrais brasileiras oitocentistas

	Occ. – %
clíticos	267 – 85,9%
NP	10 – 3,2%
Pronome tônico	8 – 2,8%
nulo	26 – 8,4%
Total	311

Fonte: elaboração dos autores.

- (13) ERNESTO - Como passaram rápidos estes três meses! Pareceram-me um sonho!

D. MARIANA - Sim?

ERNESTO - Oh! tenho-[os] impressos na memória hora por hora, instante por instante. De manhã os sons prazenteiros do piano de Júlia acordavam-me no fim de um sono tranqüilo.

[Peça de teatro, Verso e reverso; 1857; CE; José de Alencar; 1829]

- (14) O JOALHEIRO — Venho mostrar-lhes uns brilhantes como os Farâni não [os] tem;

Se [os] quer comprar, muito bem!

[Peça de teatro, A jóia; 1874; MA; Artur de Azevedo; 1855]

- (15) LINDO - Qual comédia, nem comédia! O que me comprometi a fazer-lhe foi comparação bonita; e não comédia. Espere, portanto. (Torna a bater na cabeça, mais no crânio. À parte:) Já que da testa não sai, vejamos se tiro [Ø] do crânio!

[Peça de teatro, Eu sou a vida; eu não sou a morte; 1866; RS; Qorpo Santo; 1829]

- (16) CARLOTINHA: Chego na sala; vou meter a mão no bolso, encontro um painel; abro-o; é uma carta de namoro! Não sei como mamãe não percebeu!...

PEDRO: Ah! Nhanhã abriu[Ø]!... Então leu [Ø].

[Peça de teatro, O demônio familiar; 1857; CE; José de Alencar; 1829]

- (17) O REI - Poderíamos obter um retrato desse ente a meu ver tão grande ou maior que o próprio Jesus Cristo!?

MINISTRO - Eu não possuo [algum]; mas pode se encomendar ao nosso Cônsul na cidade de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Sul, em que tem habitado, e creio que ainda vive. [Peça de teatro, Hoje eu sou um; e amanhã outro; 1866; RS; Qorpo Santo; 1829]

- (18) O JOALHEIRO (Tomando a jóia.) — Obrigado!

Por favor não calunie os meus brilhantes! (Mostrando-lhos.) Repare! Cravados em dois anéis, davam dez contos de réis! Ambas as pedras compare: são iguais... não vale a pena separar...(Fecha a caixa.) Dou-lhe [os marrecos]... [Peça de teatro, A jóia; 1874; MA; Artur de Azevedo; 1855]

Na tabela 2 a seguir, encontramos uma comparação das frequências de preenchimento do acusativo anafórico da primeira metade do século XIX em relação à segunda metade. Podemos observar que há uma pequena queda do preenchimento por clíticos, que vai de 93,3% na primeira metade para 82,3% na segunda, um pequeno aumento do objeto nulo, de 3,3% para 10,4%. Os resultados presentes nas tabelas 1 e 2 vão ao encontro das observações de Cyrino (2018), que propõe que o momento de virada para esse fenômeno é o século XX, enquanto no século XIX ainda há prevalência do preenchimento.

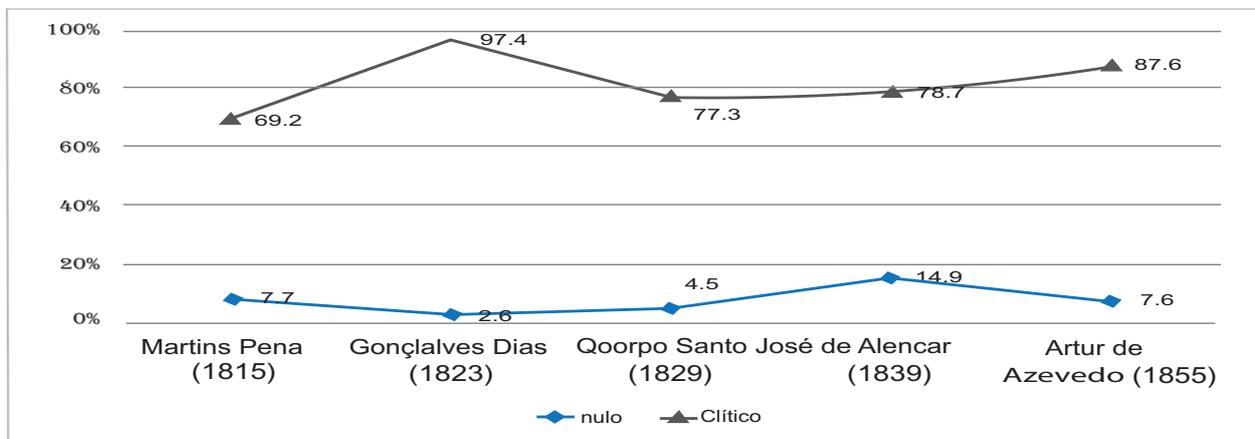
Tabela 2: Distribuição e frequência de uso do acusativo anafórico em peças teatrais brasileiras oitocentistas, por período de tempo

	19.1	19.2
clíticos	84 – 93,3%	183 – 82,3%
NP	2 – 2,2%	8 – 3,6%
Pronome tônico	1 – 1,1%	7 – 3,2%
nulo	3 – 3,3%	23 – 10,4%
Total	90	221

Fonte: elaboração dos autores.

Levando em conta o ano de nascimento dos autores, obtemos os resultados representados nos gráficos da figura 4: há, em geral, uma tendência de aumento da porcentagem do acusativo anafórico nulo em autores nascidos mais próximos à metade do século XIX, quando comparados aos nascidos no seu início.

Figura 4: Distribuição e frequência do objeto nulo e pronomes clíticos na função de acusativo anafórico em peças teatrais brasileiras oitocentistas, por ano de Nascimento dos autores



Fonte: elaboração dos autores.

No que diz respeito ao Estado de publicação das peças de teatro, podemos observar que o Ceará é o estado com maior frequência de objeto nulo, com 14,9%. Em seguida, está o Rio de Janeiro, com 7,7% de nulo, o Maranhão, com 7,6%, e, por fim, se mostrando o estado mais conservador, o Rio Grande do Sul, com apenas 3%.

Tabela 3: Distribuição e frequência de uso do acusativo anafórico em peças teatrais brasileiras oitocentistas, por Estado

	RS	RJ	CE	MA
clíticos	92 – 92,9%	9 – 69,2%	74 – 78,7%	92 – 87,6%
NP	1 – 1%	2 – 15,4%	4 – 4,3%	3 – 2,0%
Pronome tônico	3 – 3%	1 – 7,7%	2 – 2,1%	2 – 1,9%
nulo	3 – 3%	1 – 7,7%	14 – 14,9%	8 – 7,6
Total	99	13	94	105

Fonte: elaboração dos autores.

Esses resultados corroboram aqueles encontrados em Martins (2021) que mostram uma inovação na Região Nordeste do Brasil na implementação de formas inovadoras do PB: na escrita do século XIX há reflexos de um sistema já implementado (1) com o pronome *você* na função de sujeito, (2) com o pronome *lhe* como forma de complemento dativo com referência à segunda pessoa do singular, com um aumento expressivo das formas preposicionadas (*a/para + te/tu/você*), e (3) com um sistema de clíticos com poucos casos de interpolação e contração de pronomes e formas inovadoras sem alçamento em complexos verbais e com próclise em posição inicial do período.

Das variáveis independentes controladas, numa rodada multivariada com *Log Likelihood -77.939* e *significance 0.054*, foram selecionadas por ordem de relevância as variáveis “Animacidade do referente” (tabela 4) e “Estado” (tabela 5):

Tabela 4: Condicionamento do nulo como acusativo anafórico em peças teatrais brasileiras oitocentistas, segundo a animacidade do referente

	Occ. – %	PR.
[+ animado]	4/157 – 2,5%	0,29
[- animado]	22/145 – 14,3%	0,71
Total	26/311	

Fonte: elaboração dos autores.

Podemos considerar que o traço semântico [-animado] do antecedente é um fator que condiciona a não realização do acusativo anafórico, com Peso relativo (PR.) 0,71. De todas as ocorrências do nulo como acusativo anafórico, 4 apresentavam antecedente [+ animado]. Conforme o exemplo (19),

3 delas ocorrem no mesmo segmento de diálogo, na peça *Verso e Reverso*, de José de Alencar, (1857), com o antecedente [um besouro]:

(19) JÚLIA - Enquanto estávamos embebedos a olhar aquele trabalho delicado, víamos [um besouro] parecido com uma abelha, que entrava disfarçado no cortiço; e em vez de trabalhar, chupava o mel já fabricado. Não via [Ø]?

ERNESTO - O que eu me recordo ter visto perfeitamente eram dois olhozinhos travessos...

JÚLIA (batendo o pé) - Via [Ø] sim; eu lhe mostrei muitas vezes.

ERNESTO - Está bom! Já, que deseja, confesso que via [Ø].

[Peça de teatro, *Verso e reverso*; 1857; CE; José de Alencar; 1829]

Além disso, em (20), temos um dado em que o antecedente do acusativo anafórico nulo não só é [+animado] como também [+humano], presente na peça *O demônio familiar*, também de José de Alencar (1857).

(20) CARLOTINHA: Pois agora é que sabes? Nunca viste [mano Eduardo] nesta janela?

HENRIQUETA: Não; nunca.

CARLOTINHA: Fala a verdade, Henriqueta!

HENRIQUETA: Já disse que não; se vi [Ø], não me lembro. Há tanto tempo que esta janela não abre!

[Peça de teatro, *O demônio familiar*; 1857; CE; José de Alencar; 1829]

Conforme números sistematizados na tabela 4, a análise multivariada confirma a tendência inovadora do estado do Ceará, com PR. 0,62, em relação aos outros (principalmente ao Rio Grande do Sul e ao Maranhão). Esse resultado se mostra interessante para a hipótese de que, em geral, estados do Nordeste brasileiro apresentam gramáticas mais inovadoras, especialmente em comparação com estados do Sul (M. A. MARTINS, 2021).

Tabela 5: Condicionamento do nulo como acusativo anafórico em peças teatrais brasileiras oitocentistas, segundo o estado de publicação do texto.

	Occ. – %	PR.
Rio Grande do Sul	92 – 92,9%	0,43
Rio de Janeiro	9 – 69,2%	0,50
Ceará	74 – 78,7%	0,62
Maranhão	92 – 87,6%	0,42
Total	311	

Fonte: elaboração dos autores.

Por fim, foi realizada uma análise qualitativa a respeito das ocorrências do clítico [o] neutro, que tem por antecedente uma proposição, como ilustrado pelos exemplos (21) e (22). Conforme o levantamento de dados, esse tipo de clítico ocorreu principalmente na peça “Patkull”, de Gonçalves Dias, representativa da primeira metade do século XIX.

- (21) EL-REI - Já refleti maduramente. — Ah! (Trepando ao sofá e batendo palmas.) Post-scriptum! Post-scriptum! (Silêncio. Inclina-se.) Se for macho, enforque-se o Doutor; se for fêmea, faça-o barão de qualquer coisa!

O DOUTOR - Senhor!

EL-REI - Assim [o] tenhas entendido! E bico! Levantar cabeças!

[Peça de teatro, A princesa dos cajueiros; 1880; MA; Artur de Azevedo; 1855]

- (22) PAIKEL – Perdoai, Senhora – porém para ter tido o meu nome em tais lugares – seria preciso ter-vos abaixado até eles.

BERTHA – Vós [o] dizeis, Senhor!

[Peça de teatro, Patkull; 1843; RS; Gonçalves Dias; 1823]

Considerações finais e uma pesquisa que continua

Ao final desta análise preliminar de uma pesquisa que continua, podemos considerar que foi possível reunir evidências para a hipótese de que em textos escritos no século XIX encontramos dados que pode refletir diferentes gramáticas do português, o PCI, o PE e o PB. A investigação da próclise em ambientes neutros ([XP])[XP]V associada aos fenômenos da ordem e preenchimento do sujeito e a realização do acusativo anafórico auxilia na diferenciação de uma gramática instanciada em textos escritos por autores nascidos no início do século XIX (e conseqüentemente vestígio da gramática do PCI) e de uma gramática instanciada em textos do final do século (já representativa da gramática do PB). O PCI apresenta um sistema rico com o clítico acusativo anafórico, enquanto o PB abre espaço para o objeto nulo. Destacamos que a pesquisa terá continuidade, e temos por objetivo investigar o traço semântico *especificidade e animacidade* em relação aos antecedentes dos dados do acusativo anafórico, bem como expandir a coleta de dados para peças de outros estados brasileiros.

Os resultados das pesquisas obtidos até o momento (MARTINS, 2009, 2010, 2018, 2022), brevemente reunidos nas seções 2 e 3 deste artigo, nos encaminham para a necessidade de uma investigação mais acurada para a evolução da próclise em orações matrizes com frenteamento de constituintes, em ([XP])[XP]V, considerado o ambiente neutro. Essa análise deverá buscar uma correlação da evolução da próclise nesse contexto com a evolução na ordem e realização do sujeito na escrita brasileira oitocentista. Em outras palavras, os resultados de uma investigação desses fenômenos numa mesma amostra podem trazer elementos para encontrar na escrita brasileira de 1800 evidências de uma gramática “perdida” do português, ou de uma língua do tipo-V2, como o Português Clássico.

Referências

- BARBOSA, Afrânio. A Plataforma de *corpora* do PHPB: uma apresentação ad infinitum. In: CASTILHO, A, T de. *História do Português Brasileiro – corpus* diacrônico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 16-67.
- BERLINCK, Rosane de Andrade *et.al.* *Mudança sintática na história do português brasileiro nos séculos XIX e XX*. In: BERLINCK, Rosane de Andrade *et.al.* Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino. Lucrécio Araújo de Sá Júnior, Marco Antonio Martins (org.). São Paulo: Blucher, 2016.
- BERLINCK, Rosane de Andrade de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, 1989, pp. 95-112.
- BERLINCK, Rosane de Andrade.; COELHO, Izete. A ordem do sujeito em construções declarativas na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 308-381.
- CAVALCANTE, Silvia. Regina de Oliveira. Mudança na posição do sujeito em cartas pessoais brasileiras: a ordem VS e o estatuto informacional do sujeito. DIADORIM (RIO DE JANEIRO), v. 20, pp. 101-21, 2018.
- CARNEIRO, Zenaide. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- CARNEIRO, Zenaide; GALVES, Charlotte. Variação e gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, pp. 7-38, 2010.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia; PAGOTTO, Emílio. Clíticos nos Século XIX: uma questão de posição social?. In: Dinah Callou; Afranio Barbosa. (org.). *A Norma Brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 A 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / UFRJ, 2011, v. 1, pp. 167-217.
- CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da Língua – sua natureza, origem e uso* [1986]. [tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves]. Lisboa: Caminho, 1994 [p. 21-71].
- COELHO, Izete. Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In: RAMOS, J. (org.). *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE: Ed. da UFMG, 2006, pp. 84-99.
- CYRINO, Sonia. O objeto nulo. In: CYRINO, S.; TORRES MORAES; M. A. (org.). *Mudança sintática no português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018. pp. 210-51
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia O sujeito nulo no Português Brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 26-71.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia; PAGOTTO, Emílio. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In: Lopes, Célia Regina dos Santos. (org.). *A Norma Brasileira em Construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. 1a.ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2005, pp. 67-82.

GALVES, Charlotte; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject realization, clitic placement and prosody. *Language*, v. 93, pp. 152-80, 2017.

GALVES, Charlotte, NAMIUTI, Cristiane, PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas perguntas para antigas questões: a periodização do português revisitada. In Endruschat; Kemmler; Schäfer-Prie. *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calapinus Verlag, pp. 45-75, 2006.

GALVES, Charlotte; RIBEIRO, Ilza; TORRES MORAES, Maria Aparecida. Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n.2, pp. 143-77, 2005.

HOLMBERG, A. Verb second. In *Syntax – Theory and analysis. An international handbook*, ed. Tibor Kiss and Artemis Alexiadou, chapter 12. Berlin: Walter de Gruyter (e-book), 2015.

KROCH, Anthony. Syntactic Change. In. Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell, pp. 699-729, 2001.

KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, v. 1, pp. 199-244, 1989.

LOBO, Tania. *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1992.

MACKENZIE, Ian. *Language Structure, Variation and Change – The Case of Old Spanish Syntax*. Newcastle UponTyne: Palgrave Macmillan, 2019.

MARTINS, Ana Maria *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1994.

MARTINS, Marco Antonio Rocha; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira; COELHO, Izete. *Ordem do sujeito e colocação de clíticos: reflexos de competição de gramáticas do português na escrita brasileira dos séculos XIX e XX*. (em preparação)

MARTINS, Marco Antonio Rocha. “O português são três”: evidências empíricas para a hipótese de competição de gramáticas. *Revista da ABRALIN*, v. 9, pp. 37-76, 2010.

MARTINS, Marco Antonio Rocha. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. 326p. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MARTINS, Marco Antonio Rocha. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. In: CYRINO, S.; TORRES MORAIS, M. A. (orgs.) *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 150-209.

MARTINS, Marco Antonio Rocha. Micro-variation and parametric change: the proclisis in ‘neutral contexts [XP] V’ in Brazilian writing. Berlin: *PhiN Philologie*, v. 81, pp. 1-25, 2022.

MENDÍVIL-GIRÓ, J. L. *El cambio lingüístico*. Sus causas, mecanismos y consecuencias. Madrid: Síntesis, 2015.

PAGOTTO, Emilio. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1992.

PAGOTTO, Emilio. *Norma e condescendência, ciência e pureza. Língua e instrumentos lingüísticos*, v. 2, pp. 49-68, 1998.

SCHEI, Ana. *A colocação pronominal do português brasileiro – a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2003.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: Kato e Roberts. *O português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Unicamp. 1993, pp. 69-105.

WEINREICH, Uriel., LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. Lehmann and Y. Malkiel (ed.) *Directions for Historical Linguistics*. University of Texas Press, Austin, TX, 1968, pp. 95-195.